



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Graduação em licenciatura de língua portuguesa e respectiva literatura

Douglas Micael Silva Gomes

Cidade Livre: Formas de ler o Brasil

Monografia

Brasília/DF
2024

Douglas Micael Silva Gomes

Cidade Livre: Formas de ler o Brasil

Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em Letras - Português. Universidade de Brasília - UnB.

Orientador: Henryk Siewierski

Brasília/DF

2024

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todos os professores com quem tive o enorme prazer de tanto aprender durante todos os anos de graduação. Dedico também aos meus amigos e minha família, a quem amo imensamente. Obrigado.

Agradecimentos:

Agradeço ao professor Henryk Siewierski, que me ajudou de forma tão eficaz, fazendo um processo que parecia tão difícil para mim se tornar algo simples e prazeroso.

Resumo:

O trabalho busca demonstrar, de maneira concisa, como o autor constrói sua crítica por meio de suas personagens e cenários, e como Brasília, na ficção de Almino, se torna um espaço de reflexão sobre o projeto nacional. A análise é complementada por visões pessoais do pesquisador e por uma breve pesquisa, incluindo perspectivas externas, que contribuem para aprofundar o entendimento da narrativa e suas implicações. O estudo está dividido em três capítulos, que exploram a construção simbólica de Brasília no romance e sua relevância como uma metáfora para a história e identidade brasileira.

Palavras-chave: João Almino. Brasília. Metáfora do Brasil.

Abstract:

The study aims to demonstrate, concisely, how the author constructs his critique through characters and settings, and how Brasília, in Almino's fiction, becomes a space for reflection on the national project. The analysis is complemented by the researcher's personal views and a brief research that includes external perspectives, contributing to a deeper understanding of the narrative and its implications. The study is divided into three chapters, which explore the symbolic construction of Brasília in the novel and its relevance as a metaphor for Brazilian history and identity.

Keywords: João Almino. Brasília. Metáfora do Brasil

Sumário:

1. Introdução	8
2. Capítulo I - Brasília: A Construção de um Mito Moderno	10
3. Capítulo II - Entre a Utopia da Modernidade e a Realidade da Desmodernização	17
4. Capítulo III - As Múltiplas Faces da Liberdade em <i>Cidade Livre</i>	23
5. Conclusão	29
6. Referências Bibliográficas	30

1. Introdução:

Cidade Livre é o quinto romance do escritor João Almino, diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras. Escolhido como o melhor romance em língua portuguesa dos dois últimos pelo Prêmio Passo Fundo Zaffari Bourbon em 2011, o livro faz parte da série de romances chamada de quinteto de Brasília, e igual aos outros romances do escritor, é predominantemente ambientado na capital do Brasil. Porém, desta vez, Almino conta uma história baseada na construção e fundação da cidade através das memórias do narrador-personagem João.

A narrativa se relaciona de forma polêmica com a construção da nova capital do Brasil e seus problemas. Através do contato de seus personagens fictícios e históricos, João Almino recria o clima épico compartilhado pelos habitantes daquele então vazio Planalto Central. A Brasília fictícia, cheia de poder simbólico na narrativa de Almino, ganha um contorno de metáfora de Brasil, onde o autor explora diversos temas relacionados tanto ao âmbito histórico, social e político como filosófico e metafísico.

O objetivo deste trabalho é mostrar de forma breve como o autor explora esses temas em seu romance. Ao fazê-lo, me valho de minhas próprias visões pessoais sobre literatura e de uma pequena pesquisa extra que serve para que haja mais vozes consonantes à minha própria e a do autor da narrativa, cujos pensamentos sobre Brasília e *Cidade Livre* aparecem ao longo de toda a monografia. Assim, o presente trabalho estrutura-se em três capítulos:

Capítulo I - Brasília: A Construção de um Mito Moderno: No primeiro capítulo, o intuito é buscar compreender como *Cidade Livre* se relaciona com a mitologia de Brasília. O livro não é uma epopeia certamente, mas a história da fundação e da construção da capital pode ser vista sob esta lente.

Capítulo II - Entre a Utopia da Modernidade e a Realidade da Desmodernização: O segundo capítulo trata da tensão criada por Almino entre a modernidade que Brasília pretendia representar no mundo e os processos de desmodernização vividos na construção, especialmente os sertanejos pobres, que faziam o trabalho bruto, e que mais sofreram com tais processos.

Capítulo III - As Múltiplas Faces da Liberdade em *Cidade Livre*: o último capítulo trata das possíveis representações de liberdade que a Brasília ficcional de Almino propõe, que passam desde a liberdade criativa que ela proporciona ao autor, até a liberdade religiosa que, desde a fundação da nova capital, abrigou uma ampla variedade de crenças e tradições espirituais.

2. Capítulo I - Brasília: A Construção de um Mito Moderno:

A construção de Brasília pode ser vista como uma epopeia moderna, como o narrador João fala no início da narrativa. “Uma história que eu podia contar como epopeia.” (Almino, 2010, p. 21) Um empreendimento grandioso que capturou a imaginação de uma nação e simbolizou o espírito de inovação e progresso do Brasil no século XX. Concebida como parte de um projeto visionário liderado pelo presidente Juscelino Kubitschek, Brasília foi planejada para ser mais do que uma nova capital; ela seria a personificação dos ideais de modernidade, integração nacional e desenvolvimento acelerado. Essa epopeia começou com a audaciosa decisão de transferir a capital do litoral para o coração do país, uma mudança que visava não apenas redistribuir o poder político, mas também promover o desenvolvimento do interior brasileiro e fortalecer a unidade nacional.

Assim, como em toda epopeia, o mito está presente como parte integrante da história de Brasília. Neste caso, a literatura de João Almino se vale desta dimensão mítica, explorando, desta forma, o que a cidade tem de peculiar, o que ela representa. O fato é que Brasília permeia o imaginário dos brasileiros há muito tempo, e sempre representou ideais de progresso, e, subsequentemente, de modernidade. É, a partir desta representação simbólica, que a cidade é erguida, e que o romance de Almino é escrito. Almino. “Poucas cidades do mundo têm uma carga simbólica tão forte. Não importa que a realidade negue ou venha a negar o que a ideia de Brasília representa ou representou ao longo dos tempos. Mitos não se destroem facilmente; sobrevivem à própria realidade material”. (Almino, 2007, 300)

A ideia de construir uma nova capital do Brasil remonta ao período colonial, quando o Marquês de Pombal propôs a transferência da capital para o interior como uma estratégia de defesa e ocupação. No século XIX, José Bonifácio de Andrada e Silva sugeriu a construção de "Brasília ou Petrópolis" para facilitar a integração territorial do país. Em 1891, a primeira Constituição republicana oficializou a intenção de mudar a capital para o Planalto Central. Em 1922, a Missão Cruls, liderada por Louis Cruls, demarcou a área do futuro Distrito Federal, conhecida como "Quadrilátero Cruls". Durante as décadas de 1930 e 1940, a ideia foi debatida, mas só

se concretizou em 1955, quando Juscelino Kubitschek, em sua campanha presidencial, prometeu construir Brasília como parte de seu plano de governo. Em 1956, após ser eleito, o projeto começou com Oscar Niemeyer como arquiteto principal e Lúcio Costa como vencedor do concurso para o plano urbanístico.

Os mitos desempenham um papel essencial na construção e manutenção da identidade nacional, ao oferecer uma narrativa coesa e inspiradora que une a história, os valores e as aspirações de uma nação. Como afirmava Ernest Renan: " Os mitos são componentes fundamentais na construção da identidade nacional, pois fornecem um sentido de continuidade histórica e cultural, funcionando como narrativas fundacionais que ajudam a unir uma nação em torno de símbolos e valores comuns." (1997, p. 32)

E foram uma série de mitos e narrativas épicas que sustentaram e justificaram o projeto da nova capital, tanto política quanto simbolicamente. O mito da modernidade posicionava Brasília como a cidade do futuro, com uma arquitetura arrojada e um planejamento urbano que representava avanços tecnológicos e a capacidade do Brasil de competir em pé de igualdade com as grandes nações do mundo. O mito da conquista do deserto celebrava o espírito pioneiro dos candangos que, sob condições adversas, enfrentaram a selva e o sertão para construir a cidade. Esse mito evocava a ideia de heroísmo e sacrifício em prol de um projeto grandioso. Brasília também acalentava o desejo de mudança e evolução, oferecendo à população um vislumbre de um futuro próspero, em contraste com os desafios socioeconômicos enfrentados até então, assim como a igualdade entre a população proporcionada pela organização espacial e urbanística de Brasília, com setores funcionais e habitações planejadas.

O presidente Juscelino Kubitschek foi, enfim, alçado ao status de herói visionário. O mito de Kubitschek retratava-o como um líder destemido e progressista, que ousou transformar em realidade o sonho de uma capital moderna no interior do Brasil, e liderou os milhares de trabalhadores numa empreitada nunca vista. "Até hoje os candangos referem-se a JK como uma figura emblemática, dono de profundo carisma, de cunho quase mitológico." (Luiz, Kuyumjian, 2010, p. 259) Sua famosa promessa de realizar "cinquenta anos em cinco" consolidou sua imagem de realizador, alguém capaz de materializar grandes projetos nacionais, reforçando o caráter quase messiânico de sua figura.

Eu quero falar com o presidente, ele é o faraó egípcio akhenaton, da décima oitava dinastia, afirmou Lucrecia, categórica. JK ia construir não apenas uma cidade, mas uma civilização. O faraó, que governara entre 1553 e 1335 antes de Cristo, havia criado do nada, como em Brasília, a primeira capital planejada, Akhenaton. (Almino,2010, p. 131)

Talvez o exemplo mais flagrante da mitologia brasiliense, de caráter místico, seja a profecia de Dom Bosco. O sacerdote, padroeiro de Brasília, teve uma visão sobre a futura capital. Segundo Dom Bosco. "Entre os paralelos 15° e 20° havia uma enseada bastante larga que partia de um ponto onde se formava um lago. E uma voz dizia repetidamente: "Quando se escavarem os minerais escondidos no meio dessas colinas, aparecerá aqui a terra prometida, onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível." Essa riqueza inconcebível foi interpretada pelos idealizadores da capital, ao longo do tempo, como o próprio futuro grandioso que o país viria a ter. "O plano de Brasília tem inspiração divina, tanto assim que Lúcio Costa falou que a solução não foi procurada, surgiu, por assim dizer, já pronta; pra mim está claro, foi soprada lá de cima, por Dom Bosco". (Almino, 2010, p. 116) Assim, este mito não apenas inspirou lideranças políticas, como Juscelino Kubitschek, a adotarem a ideia de uma nova capital, mas também fortaleceu a narrativa de Brasília como um símbolo de modernidade e esperança. A profecia de Dom Bosco serviu como uma motivação espiritual e cultural, ajudando a unir os esforços de construção em torno de uma visão comum de prosperidade e desenvolvimento. Além disso, a presença do Santuário Dom Bosco em Brasília reforça essa conexão entre o mito e a cidade, tornando-se um ponto de referência espiritual para muitos brasileiros e consolidando a identidade da capital como uma realização de um sonho que integra fé, progresso e o destino nacional.

Outra figura emblemática da história de Brasília e do Brasil é Bernardo Sayão. Apesar de não ter o mesmo reconhecimento popular de Juscelino Kubitschek, ele possui a mesma altura simbólica que o presidente. Conhecido como um herói cuja missão era expandir os limites do Brasil e realizar o sonho de uma nova capital que conectasse o país e promovesse a unidade nacional, Sayão foi um engenheiro agrônomo que liderou as expedições e as obras de construção das estradas que facilitaram a chegada de materiais e pessoas à futura capital. Sua atuação pioneira no desbravamento do interior brasileiro evoca a imagem dos bandeirantes, figuras

históricas que, nos séculos XVI e XVII, exploraram o território brasileiro em busca de riquezas e expansão territorial. Sayão, assim como os bandeirantes, enfrentou inúmeros desafios, desde a selva densa até as dificuldades logísticas e climáticas, transformando o imaginário de um Brasil inóspito e isolado em uma promessa de desenvolvimento e integração. Sayão é retratado no romance como uma figura exemplar do bandeirante, que não se ocupa com trabalhos intelectuais, e sim com o serviço bruto e desbravador. “O bandeirante é o macho fecundador, e é um herói caracterizado pelo movimento incessante, pela ação. Não deixa textos, deixa pegadas, e sua mitologia é o elogio do movimento.” (De Souza, 2007, p. 157) De forma muito semelhante a esta descrição, João, o narrador do romance, caracteriza Sayão como “Homem de ação, avesso a rotinas, formalidades, papeladas e gabinetes, que autoriza requisições de material no verso de cigarros, e quando o operador de uma máquina não entendia sua ordem ele mesmo assumia o comando, mostrando se funcionamento e até completando o trabalho”. (Almino, 2010, p. 39)

A empreitada mais importante da vida de Bernardo Sayão foi a construção da estrada Belém-Brasília, também conhecida como BR-153, destinada a integrar o território nacional e impulsionar o desenvolvimento econômico do Brasil Central. Moacyr, seduzido pela glória desta grande conquista, não deixou de acompanhá-la, pois “aquela não ficava atrás de nenhuma, nem sequer das de Alexandre, o Grande.” (Almino, 2010, p. 147) A rodovia, essencial para conectar a nova capital federal ao norte do país, enfrentou inúmeros desafios, incluindo a densa selva amazônica, terrenos difíceis e condições climáticas adversas. Sayão, engenheiro responsável pelo projeto, foi fundamental para sua execução, liderando as equipes com seu espírito destemido e pioneiro, muitas vezes trabalhando lado a lado com os operários. Em 15 de janeiro de 1959, durante as obras, Sayão sofreu um acidente fatal quando uma árvore caiu inesperadamente sobre ele. Sua morte foi sentida como uma grande perda para o país, solidificando sua imagem como um herói nacional que sacrificou sua vida pelo progresso e pela modernização do Brasil. A estrada, que recebeu seu nome, foi inaugurada em 1960 e desempenhou um papel crucial na integração do norte com o restante do país, simbolizando o avanço e a coragem de desbravar novas fronteiras. Bernardo Sayão permanece na memória coletiva como um bandeirante moderno, profundamente enraizado na narrativa de expansão e conquista do território brasileiro, representando coragem, aventura e o espírito pioneiro. Ele personificou esses

atributos ao dedicar sua vida à abertura de novas vias de acesso no Brasil, particularmente na região do Planalto Central, que era vista como uma área de fronteira a ser conquistada, representando a determinação necessária para transformar o Brasil em um território mais unido e desenvolvido.

A inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, marcou um momento simbólico e estratégico na história do Brasil, repleto de significados históricos e mitológicos. A escolha da data não foi casual; ela coincidiu com o dia da morte de Tiradentes, um dos heróis da Inconfidência Mineira, que se tornou um ícone da luta pela liberdade e independência no Brasil. Juscelino Kubitschek, o então presidente e idealizador de Brasília, usou o mito de Tiradentes para reforçar a ideia de que a nova capital representava uma nova era de progresso e autonomia para o país. Tiradentes, com seu espírito revolucionário e sacrifício em nome da pátria, simbolizava a coragem e o idealismo necessários para romper com as tradições do passado e construir um futuro moderno e integrado. Assim, a inauguração de Brasília foi vista como a materialização de uma nova visão nacional, onde a cidade, com sua arquitetura futurista e localização estratégica, encarnava o desejo de modernidade e unidade, enquanto Tiradentes fornecia a narrativa heroica de determinação e sacrifício em prol de um Brasil melhor. Essa ligação mitológica vinculou o ato de construção da capital a um legado histórico de resistência e renovação.

A construção de Brasília é um exemplo emblemático de como o mito pode se entrelaçar com a realidade para moldar a identidade de um povo. Ao longo de sua história, Brasília foi mais do que uma cidade; tornou-se um símbolo da visão de progresso e modernidade que o Brasil aspirava no século XX. Através do mito fundador e do mito do bandeirante, de figuras como Juscelino Kubitschek e Bernardo Sayão, e da evocação de personagens históricos como Tiradentes, Brasília foi construída sobre uma narrativa que combinava heroísmo, sacrifício e inovação. Estes mitos não apenas ajudaram a justificar e sustentar a empreitada monumental de erguer uma nova capital no coração do país, mas também contribuíram para a formação de uma identidade coletiva que celebrava o avanço, a integração nacional e o desenvolvimento econômico.

Porém, estes mitos ou símbolos não foram incorporados passivamente pelo romance de João Almino, *cidade Livre* se relaciona de forma polêmica a eles. As

representações simbólicas são encaradas de forma crítica ao longo dos parágrafos, e repensadas em relação a “história real” da cidade. Para Almino, Brasília

é uma ideia e um projeto que acompanhou toda a história do Brasil independente, prestando-se a uma leitura do País. Pode-se dizer que a ideia da construção da nova capital corresponde a uma utopia elaborada ao longo de toda a história do Brasil – e essa utopia pode ser contrastada criticamente com a experiência. (Almino, 2011, p.)

No romance, “o misticismo que tem acompanhado a história da cidade, desde o frequentemente citado sonho profético de D. Bosco às preleções do Mestre Yokaanam ou de Tia Neiva” (Almino, 2011) é colocado em perspectiva com o aspecto racional do plano urbanístico e obras arquitetônicas ousadas que requereram um grande rigor matemático e técnico. Este paralelo expõe uma contradição englobada por Brasília, que mistura o racionalismo das formas geométricas de Niemeyer com o misticismo e a religiosidade que acompanham a história do Brasil desde a colônia. Quiçá, uma herança até mais antiga, vinda da profecia de Sebastião, e se atualizando em diversas outras profecias messiânicas em solo brasileiro, desde o Juazeiro do Padre Cícero até o contestado dos monges João e José Maria, e que toma forma, no romance, através da personagem Lucrecia, profetisa de uma das diversas seitas que se proliferaram ao redor de Brasília.

Mesmo o mito de Sayão é assimilado de forma crítica por João Almino. Enquanto o engenheiro e seus esforços são vistos como nobres por quase todos os personagens do romance, a história da construção da estrada Belém-Brasília é vista da perspectiva da personagem Moacyr, a quem a estrada representa sua glória pessoal através da destruição do elemento natural. Percebe-se um ímpeto colonizador em seu pensamento ao adentrar profundamente as florestas do interior do Brasil. “A floresta era sua inimiga, papai concluiu, inimiga de todos que ali estavam, precisava ser combatida e vencida pela estrada”. (Almino, 2010, p. 187) Assim como na colonização, quando a destruição da natureza foi intensificada para a extração de recursos como madeira e ouro, a abertura da Belém-Brasília promoveu o desmatamento em larga escala, sobretudo no Cerrado e na Amazônia em prol do desenvolvimento econômico.

À medida que estas contradições são expostas na ficção de Almino, percebe-se o poder simbólico de Brasília, que também representa o embate da modernidade pretendida pelo projeto da cidade e as questões do Brasil que o aproximam de um

aspecto desmodernizado. Assim, enquanto representa o avanço e o futuro, a cidade carrega em seu desenvolvimento os mesmos desafios históricos que o Brasil luta para superar. A modernidade da capital foi, em muitos aspectos, construída sobre as bases de problemas antigos, mostrando que o progresso arquitetônico e urbanístico não necessariamente resolve questões sociais e políticas profundas.

3. Capítulo II - Entre a Utopia da Modernidade e a Realidade da Desmodernização:

Ao longo da narrativa, João Almino cria uma relação tensiva entre a pretensa modernidade que o projeto da construção de Brasília representava e os problemas arcaicos, ou melhor, perenes, que acompanharam a história do Brasil até o corrente momento da construção, e que se estiram até os dias de hoje. Assim, neste processo, o autor pressiona vários pontos de tensão que revelam as claras contradições que permeiam a história da capital. Nas palavras de Almino:

Mais do que os ideais modernistas ou as aspirações modernizadoras, são os processos de desmodernização que minha literatura vai explorar. Os impulsos vanguardistas são ali colocados lado a lado com a anti-modernidade e o que é percebido como atrasado e arcaico. (Almino, 2012)

Mas, além do que só explorar estas contradições em um escopo circunscrito à cidade, a Brasília ficcional de Almino pode ser vista como uma metáfora de Brasil. A cidade do futuro ecoa o mantra, que os brasileiros entoam há séculos da história do novo mundo. O Brasil é o país do futuro, epíteto eternizado pelo escritor judeu Stefan Zweig em seu exílio no país, mas que canaliza uma parte essencial do espírito da nação. Brasília foi fundada em cima de ideais modernos, de liberdade e igualdade. A cidade que iniciaria um novo capítulo na trajetória de uma nação em busca de seu lugar ao sol, em busca de sua alvorada, também foi a cidade que reproduziu as mesmas adversidades do passado, ou talvez, Brasília tenha sido apenas uma atualização da história de um país que anseia por um amanhã melhor, mas que sempre acorda perturbado pelos desconsolos de outrora.

Assim como João, o narrador, reflete: “A maior atração da cidade, motivo de orgulho para mim, era sua feição de faroeste, uma cidade de cinema americano, que, como dizia papai, inexistia em outros recantos do Brasil.” (Almino, 2010, p. 51) Decerto, Brasília compartilha diversas características do velho oeste americano.

Assim como os Estados Unidos da América em meados do século XIX até o início do século XX, o Brasil estava passando por um processo de integração do vasto território nacional ainda inexplorado, e conseqüentemente seu desenvolvimento econômico e humano. Porém, o paralelo mais oportuno é entre a violência e a desigualdade intrínsecas a estes dois processos, além de diversos outros ciclos exploratórios da história do Brasil. Os ideais da construção da nova capital, que apontava para o futuro com uma roupagem moderna e arrojada, são contrapostos pela dura realidade daquele ambiente árido e empoeirado, semelhante aos tais cenários de cinema americano, que é o Planalto Central.

Durante a construção de Brasília, a precariedade enfrentada pelos candangos, trabalhadores que vieram de diversas partes do Brasil em busca de oportunidades, evidenciou as profundas desigualdades sociais do país. Esses trabalhadores, em sua maioria nordestinos, foram atraídos pela promessa de empregos e melhores condições de vida, mas se depararam com uma realidade dura e frequentemente brutal. A infraestrutura básica era quase inexistente, com muitos candangos vivendo em alojamentos improvisados, conhecidos como "invasões", sem acesso a água potável, eletricidade ou saneamento adequado. As condições de trabalho eram igualmente difíceis, com longas jornadas sob o sol escaldante do cerrado e uma remuneração frequentemente insuficiente para sustentar suas famílias. Além disso, a falta de direitos trabalhistas e de proteção social deixava esses trabalhadores vulneráveis a abusos e à exploração. Assim, enquanto Brasília se erguia como um símbolo de modernidade e progresso, a vida dos candangos contava uma história de luta e resistência, marcada pela precariedade que persistia invisível sob as estruturas monumentais da nova capital. Ou seja, longe do glamour das festas palacianas, e das visitas ilustres das lideranças e grandes artistas mundiais, estes homens e mulheres viviam na pele as conseqüências desta desigualdade. Valdivino, um jovem baiano que migra para a construção da capital, é o personagem que mais representa esta classe social na narrativa, e, conseqüentemente, vários dos processos de desmodernização que Almino explora no romance.

Já desde sua vinda para o planalto central, Valdivino é explorado através de uma armadilha usada comumente com os "roceiros" que buscavam trabalho na grande construção. Enganava-se estes homens com "a venda" de passagens financiadas por

um coronel, e depois essas passagens eram cobradas com trabalho análogo à escravidão durante as obras da capital.

A mando de fazendeiros da chamada Região do Entorno, aliciadores saíam de caminhão até o interior do Nordeste, oferecendo salários generosos àqueles que se dispusessem a trabalhar na construção da nova capital. Para estimulá-los, custeavam-lhes as despesas de uma viagem geralmente sem volta. Porque, antes de chegar a Brasília, o motorista mudava sorrateiramente o itinerário e se embrenhava pelo interior do vasto e ainda não dividido Goiás e, em alguns casos, pelo Mato Grosso, onde entregavam a —encomenda aos patrões. Reféns de dívidas extorsivas, que lhes eram imputadas na chegada, os retirantes eram submetidos a um regime de trabalho escravo, sem possibilidade de fuga, isolados que estavam na imensidão dos latifúndios e, ainda, vigiados por capangas” (Beú, 2007 p. 59)

O coronelato no Brasil foi um fenômeno político e social que predominou durante a Primeira República, de 1889 a 1930, caracterizado pelo domínio de líderes políticos locais, conhecidos como "coronéis". Esses coronéis eram grandes proprietários de terras ou figuras de destaque em suas regiões, exercendo enorme influência política e econômica sobre as populações rurais. Mas, esta figura tão presente no imaginário coletivo do Brasil é evocada no romance como forma de evidenciar a sua perpetuação na sociedade brasileira, bem como a exploração do sertanejo pobre, que sofre com a escassez de recursos em sua terra natal e busca melhores oportunidades de vida longe dela.

montavam-se negócios para financiar as passagens dos retirantes, os agentes de empregos os encontravam onde estivessem, até mesmo nos lugares mais recônditos do sertão, e eles, fugindo da seca, se deixavam seduzir pela promessa de trabalho em Brasília, submetendo-se a quaisquer que fossem as condições. (Almino, 2010, p. 70)

Tais armadilhas destes coronéis exibem a herança escravista no Brasil, que deixou profundas cicatrizes que ainda se refletem nas relações de trabalho análogas à escravidão. A exploração e desvalorização da mão de obra negra, presentes desde o período colonial, perpetuaram uma cultura de desigualdade e discriminação que persiste até hoje. Milhões de brasileiros, muitos descendentes de escravos, enfrentam condições de trabalho precárias, sem direitos básicos ou garantias trabalhistas, em atividades como o trabalho doméstico, a agricultura e a construção civil. A informalidade e a exploração econômica são evidências de como as estruturas sociais

históricas continuam a impactar a vida de muitas pessoas, mantendo um ciclo de pobreza e falta de oportunidades.

De fato, Brasília se mostra um ambiente bastante hostil para a personagem de Valdivino. Ele também lida com os abusos de um soldado da guarda especial de Brasília (GEB), uma força policial criada em 1959 com o objetivo de garantir a segurança na então nova capital essa força era infame entre os trabalhadores, que moravam em precários alojamentos, pela sua truculência. O tal soldado, utilizando-se de sua autoridade militar, persegue Valdivino por um motivo pessoal torpe.

Eu conhecia a fama dos cabras da GEB, espancam os trabalhadores a pauladas e até as moças e crianças. Na Vila Amaury acusaram meu irmão de roubo e levaram o coitado peado até a delegacia, e ele ainda teve sorte, porque ouvi falar que faz um ano chegaram a furar os olhos de um trabalhador, e ficou por isso mesmo. (Almino, 2010, p. 175)

Esses abusos refletem uma cultura de impunidade e autoritarismo nas forças militares do Brasil, evidenciada pela repetida repressão e violação dos direitos humanos. A falta de responsabilização e transparência perpetua um ciclo de violência, com os abusos frequentemente justificados por retóricas de segurança pública.

Inclusive a GEB tinha fama de ser constituída por pessoas despreparadas. Na maioria eram homens que haviam cometido crimes em suas terras de origem e vinham se esconder aqui. De fato, Goiás tinha naquele período, antes da inauguração de Brasília, uma certa fama de lugar para esconderijo. A GEB tinha fama de truculenta e violenta (Teixeira, 1996, p. 42)

Por fim, a mesma Guarda Especial de Brasília cometeu um dos episódios mais horríveis não só da história de Brasília, mas do Brasil recente. O massacre da Pacheco Fernandes Dantas, no ano de 1959 revelou a brutalidade oculta na construção da nova capital. Os candangos, estavam imersos em um cenário de promessas não cumpridas e condições desumanas. Quando uma greve emergiu em novembro para exigir salários e condições de trabalho decentes, a resposta da GEB foi violenta e letal. A repressão, que visava silenciar a insatisfação, resultou na morte de doze operários e ferimentos em dezenas. O evento não apenas chocou a opinião pública, mas também expôs a crueldade subjacente à criação apressada de Brasília, evidenciando a exploração sistemática dos trabalhadores e deixando uma marca indelével na luta por justiça e dignidade no Brasil, e se insere em um padrão mais amplo de violência estatal contra movimentos de classe no Brasil. Assim como os massacres de outras épocas, ele exemplifica a brutal resposta do poder às demandas de justiça social e igualdade.

Historicamente, o Brasil foi palco de diversas repressões contra lutas de classe. No início do século XX, por exemplo, a Revolta da Chibata em 1910 e o Massacre de Contagem em 1960, ambos relacionados a movimentos operários, demonstraram a violência estatal contra os trabalhadores que exigiam direitos básicos e melhores condições. Esses eventos refletem a constante tensão entre as aspirações de justiça social dos trabalhadores e a resistência das estruturas de poder que se sentem ameaçadas por mudanças que poderiam desestabilizar o status quo.

O Massacre cometido pela GEB, especificamente, ilustra como a repressão a movimentos sociais não é um fenômeno isolado, mas parte de um padrão de resposta violenta a reivindicações de justiça e igualdade. O uso excessivo de força para dismantelar a greve dos candangos ecoa as ações brutais vistas em outras situações em que as lutas de classe foram violentamente reprimidas. Ambos revelam a persistente resistência das elites e do Estado à redistribuição de poder e recursos, além de evidenciar a dificuldade histórica do Brasil em enfrentar suas desigualdades estruturais sem recorrer a mecanismos repressivos. Esses massacres compartilham um elo comum: a brutalidade como resposta a demandas por dignidade e melhores condições de vida, evidenciando um ciclo de opressão e resistência que atravessa diferentes períodos da história brasileira.

Além de lembrar as repressões violentas de antigamente, este massacre denuncia flagrantemente mais um período sombrio na história do Brasil, o golpe militar de 1964, que mergulhou o país em uma ditadura autoritária e violenta e que fez a utopia de liberdade da capital parecer quase natimorta. As esperanças de uma nação moderna foram substituídas por um regime que impôs censura, tortura e repressão, traindo os ideais democráticos que Brasília pretendia representar. A ironia é evidente: enquanto Brasília simbolizava um passo audacioso em direção ao futuro, o golpe militar revelou as profundas fissuras sociais e políticas que ainda permeavam o Brasil, mostrando que a modernidade arquitetônica não poderia, por si só, erradicar os fantasmas de um passado autoritário. Assim, o sonho de uma nova era foi subjugado por um regime que utilizou a força e o medo para controlar a nação, evidenciando a tensão entre as aspirações de um Brasil moderno e as realidades de um país ainda lutando para reconciliar suas profundas contradições internas. Esse legado de opressão militar, enraizado desde a era colonial e exacerbado pela ditadura militar, continua a afetar comunidades marginalizadas.

Também irônico é o fato de que a determinação e o esforço dos candangos são imortalizados na forma de uma escultura modernista estabelecida na Praça dos Três Poderes. A obra *Os Candangos* de Bruno Giorgi não só homenageia os trabalhadores que construíram Brasília, mas também serve como um ícone de modernidade, progresso, e unidade, refletindo a essência da capital planejada do Brasil. Porém, se vista de uma forma mais profunda, essa obra se mostra como um claro exemplo da contradição entre as ideias de modernização e desenvolvimento do país e a realidade desumana que aqueles homens e mulheres viveram. Como Valdivino relata em certa altura do romance:

Quando caía um, era coberto com lona e levado embora, houve um dia em que caíram sete de uma vez, seis morreram e um ficou aleijado, e não era só aqui, o fazedor de caixão da Novacap vivia ocupado, houve dias em que morreram de vinte a trinta, de acidente ou doença, os corpos seguindo para o cemitério em Luziânia; os candangos são mesmo herói, dona Matilde, merecem aquela estátua de bronze. (Almino, 2010, p. 74)

O monumento de Giorgi não é apenas uma homenagem aos trabalhadores, mas possui um caráter ideológico corrente à época da construção, quando “os candangos eram louvados aos quatro ventos nos discursos oficiais por sua tenacidade no trabalho. Para garantir máxima adesão ao propósito de construir, em menos de quatro anos, uma cidade no coração do Planalto Central, ainda tão pouco habitado, a estratégia usada pelo governo foi a de consagrar o papel dos candangos.” (Luiz, Kuyumjian, 2010, p. 259) Cria-se então “o mito do herói povo”. (Luiz, Kuyumjian, 2010, p. 259) E a partir da contradição desta retratação heroica dos trabalhadores e de suas reais condições, que João Almino explora vários processos de desmodernização vividos na capital mais moderna do mundo. A promessa de progresso e modernidade, que Brasília simbolizava, não se refletiu em suas vidas. Enquanto erguiam monumentos futuristas e organizados, os candangos viviam à margem da cidade planejada, excluídos das melhorias e do bem-estar que Brasília representava para as elites políticas e econômicas. Esse contraste entre o mito do “herói povo” e a realidade dos candangos evidencia uma profunda desigualdade estrutural. Embora fossem celebrados como protagonistas da construção de Brasília, a maioria deles foram relegados às periferias da cidade, sem acesso aos benefícios prometidos pelo projeto modernizador. Suas histórias revelam que, por trás do grandioso projeto urbanístico e arquitetônico, existia uma exploração de força de trabalho que pouco se distanciava das injustiças sociais históricas do Brasil.

4. Capítulo III - As Múltiplas Faces da Liberdade em *Cidade Livre*:

Uma cidade-estado é uma entidade política autônoma onde uma cidade, juntamente com seu território adjacente, exerce soberania total, funcionando de forma independente de um governo central maior. Esse conceito foi crucial na formação política da Grécia Antiga, com cidades como Atenas e Esparta, que governavam suas próprias leis, exércitos e culturas. Na Renascença, cidades-estado italianas como Veneza e Florença tornaram-se centros de poder econômico e cultural. As comunidades autônomas como Canudos e os quilombos no Brasil estabelecem um paralelo interessante com as cidades-estado, apesar de não serem formalmente reconhecidas como tais. Assim como as cidades-estado gregas ou italianas, essas comunidades desenvolveram sistemas de autogoverno e autossuficiência em resposta à opressão centralizada. Canudos, no sertão baiano, e os quilombos, como Palmares, criaram estruturas sociais e econômicas próprias, desafiando a autoridade do Estado e funcionando como enclaves de resistência e liberdade, onde a autonomia era essencial para sua sobrevivência e identidade coletiva. Assim, pensando nestes exemplos, vale explorar algumas possibilidades de representação da liberdade no romance *Cidade Livre*, nome não somente da obra de Almino, mas também da comunidade criada em 1956 para abrigar os trabalhadores da construção de Brasília, onde os candangos e suas famílias viviam à margem do planejamento urbano oficial, criando suas próprias soluções para a vida cotidiana.

Em primeiro lugar podemos pensar no Planalto Central como um lugar vazio onde os vários Brasis se encontraram. Pessoas de todas as regiões do país e do mundo, com suas diferentes culturas, tradições e histórias, convergiram para este território, trazendo consigo a diversidade do Brasil. Para João Almino, a peculiaridade deste lugar representa uma liberdade criativa ímpar: “Naquele relativo vazio os vários brasis se encontram e se entrecruzam, trazendo toda a carga de seus passados. Para ele posso trazer, portanto, histórias de todo o Brasil, inclusive do Nordeste onde nasci e cresci.” (Almino, 2011). Assim, Brasília dá ao escritor a possibilidade de não escrever, por exemplo, uma obra muito focada em uma única região do Brasil, como a sua própria. Almino ironiza este fato em certa altura da narrativa em que o narrador reclama de um comentário de seu amigo escritor, o próprio João Almino, sobre uma certa oportunidade:

Era a tal ponto verdade, que se fosse de meu interesse, aceitaria a sugestão de João Almino de compor aqui um denso romance regionalista nordestino no qual as cacimbas secavam, a terra rachava, as plantas se pintavam de cinza, os rios viravam estrada de areia, as carcaças de animais sinalizavam mais mortes e os retirantes vinham em caravanas, trazendo seus dramas, em busca da terra prometida. (Almino, 2010, pg. 164.)

Ao contrário do que sugeriu, ficcionalmente, o escritor para o narrador de *Cidade Livre*, Almino usa sua liberdade para dar vazão a diversas histórias, e a de Valdivino, o sertanejo pobre que migra para o planalto central, é apenas mais uma delas.

A liberdade que Brasília oferecia para os que vinham na época da construção era a promessa de recomeço, aonde aqueles que chegavam, vindos de todas as partes do país, podiam se desprender das amarras do passado e construir um novo destino em um lugar onde tudo ainda estava por fazer. Esta é história da personagem Moacyr, pai do narrador, que foge de um passado de tragédias para buscar a realização de suas aspirações de grandeza na construção. “A mudança era a porta para aquele mundo vasto onde nos esperaríamos riqueza e felicidade.” (Almino, 2010, pg. 34). Moacyr, “consciente da magnitude do que se estava criando no Planalto Central” (Almino, 2010, pg. 35) e embevecido pelo clima épico que tomara aquele lugar, decide concentrar esforços em um trabalho honroso: “se dedicaria a observar e anotar tudo, para que no dia da inauguração de Brasília fosse publicado um relatório minucioso daquela epopeia sob a ótica de quem a vivera no dia a dia, um “Livro de Ouro de Brasília”, do início da construção até a inauguração.” Esta era a forma de Moacyr se inserir no espírito daquele tempo, naquela empreitada monumental, e, desta forma, conseguir realizar seu ideal de grandeza.

E, se a grandeza da construção de Brasília dependia de sonhos desenhados no concreto, mãos calejadas que erguiam o futuro e a fé inabalável de que, no coração do cerrado, nasceria uma nova esperança para o Brasil, dependia ainda mais de um orçamento grandioso. Então, a construção de Brasília envolveu uma intensa circulação de dinheiro, com enormes investimentos do governo federal para transformar o Planalto Central em uma capital moderna. Esse fluxo de capital financiou a construção de edifícios monumentais e infraestrutura essencial. Este intenso fluxo de capital abria uma enorme possibilidade de lucro, inclusive na Cidade

Livre, “livre principalmente porque isentava os comerciantes de pagar impostos”. (Almino, 2010, pg. 41)

Após não obter muito sucesso em seu objetivo nobre de escrever o primeiro livro de memórias da construção de Brasília, que lhe concederia afagos aos seus sonhos de grandeza, Moacyr decide tentar ser bem-sucedido de outra forma. Assim, a personagem cede às tentações da exploração econômica da nova capital, que acontecia de forma lícita e ilícita.

Por trás daqueles horizontes, onde eu avistava tanta beleza, papai enxergava montanhas de dinheiro, e tinha razão, pois a cidade se erguia em ritmo delirante com a emissão de dinheiro do governo e as aplicações que os institutos de previdências faziam na compra de quadras para construir aceleradamente seus respectivos prédios, de apartamentos. Um completo disparate, um absurdo, protestava tia Matilde. Papai silenciosamente concordava, mas o absurdo dava lucro, e sem lucro perdia-se a grandeza do empreendimento. (Almino, 2010, p. 178)

Outro aspecto é que, Brasília, desde sua fundação, atraiu não apenas trabalhadores e idealistas, mas também uma variedade de seitas e movimentos religiosos. A construção da capital no Planalto Central, uma região vista por muitos como um local místico e energético, tornou-se um ímã para grupos espirituais e esotéricos que viam na cidade um lugar especial para suas práticas. Desde os primeiros anos, surgiram comunidades religiosas que buscavam aproveitar a liberdade e o caráter renovador que Brasília propunha, como o Vale do Amanhecer de Tia Neiva. “Brasília é algo que supera tudo que se imagina, algo que teria assustado ao próprio Julio Verne, se alguém lhe falasse a respeito.” (Almino, 2010, p. 222) O motivo do espanto “não era a arquitetura de Oscar Niemeyer, nem o plano urbanístico de Lúcio Costa; eram as crenças e seitas que já proliferavam pelos seus arredores e a possibilidade de que Lucrécia, uma prostituta, viesse a ser profetisa.” (Almino, 2010, p. 222)

Na narrativa, João Almino explora esta liberdade religiosa através de uma seita fictícia, a Cidade Eclética, que faz parte de alguns movimentos espirituais que vislumbraram

no Planalto Central uma grandeza paralela à do papel civilizador da interiorização: em contraponto ao triângulo equilátero que, no plano de Lúcio Costa, define a área da cidade, existiria um triângulo muito maior, localizado no Planalto Central, que sobreviveria à grande

catástrofe que estaria por vir e seria o berço de uma nova era e uma nova humanidade.
(Almino, 2007, p. 305)

Essa nova humanidade então gozaria de uma liberdade ímpar, inédita na história do mundo. A personagem Lucrécia, uma ex-prostituta e profetisa, lidera a comunidade, que não se prende rigidamente a um único paradigma ou conjunto de pressupostos. Ao contrário, Lucrécia inspirada em Tia Neiva, acreditava em uma comunidade aberta às

“heranças e tradições religiosas as mais diversas, inclusive de povos antigos, especialmente egípcios, gregos, romanos, maias, astecas, incas, nagôs e ciganos, mas tudo pode ser examinado com liberdade: não é necessário obedecer à documentos escritos, acreditar em revelações, nem se impor um ritual com base na fé ou no medo. Cada um deve sentir e experimentar por si mesmo o poder de sua comunicação espiritual para vivenciar a nova experiência.” (Almino, 2010, p. 219)

A Cidade Eclética, cujo nome é bem oportuno e bem parecido com Cidade Livre, seria o centro de uma nova civilização responsável pela “salvação e renovação moral e espiritual da humanidade antes do final do tempo.” (Almino, 2010, p. 90) Dela participam “...ex-drogados, assassinos arrependidos, tem também ex-prostitutas...” (Almino, 2010, p. 221) Todos com passados terríveis que no vazio do Planalto Central acharam a liberdade de começar de novo.

Brasília pode ser vista como fruto do livre arbítrio ao representar a escolha deliberada e visionária de Juscelino Kubitschek de mover a capital para o interior, impulsionando o desenvolvimento nacional. A construção da cidade, uma intervenção humana radical em uma paisagem natural, simboliza a capacidade humana de moldar o ambiente conforme suas vontades. Como Almino mesmo reflete:

Há também a questão da vontade e do livre arbítrio. Diferentemente da maioria das cidades, que resultam do acaso, do encontro fortuito e da necessidade, Brasília é fruto do espírito e da vontade. Os controles exercidos por seu plano racional e quase matemático são, por sua vez, subvertidos pelos movimentos espontâneos da história de seus habitantes. (Almino, 2010)

Para Moacyr a nova cidade representava a vitória da capacidade de se fazer as próprias escolhas, da força e da motivação de modificar a realidade. “Havia um toque mágico na transformação do vazio em algo concreto. Se faltasse dinheiro, que se imprimisse dinheiro daquele dinheiro, aquele nada, prédios brotavam do chão, como

plantas que prescindissem de água para germinar.” (Almino, 2010, p. 178) Moacyr “controlaria seu futuro, abocanharia uma fatia cada vez maior do dinheiro que se imprimia, seria poderoso e milionário, essa era sua meta.” (Almino, 2010, p. 223.), pois “ele acreditava na liberdade de se decidir sobre o destino, e Brasília era o lugar da liberdade, onde era possível inventar, experimentar, criar a partir do nada, do vazio, do inútil, do desnecessário.” (Almino, 2010, p. 223)

Bernardo Sayão simboliza o livre arbítrio e a vontade na construção de Brasília ao enfrentar de forma decidida e independente os desafios brutais da abertura de estradas e da edificação da nova capital.

Bernardo Sayão, o engenheiro que ajudara a construir uma cidade a partir da vontade, uma vontade de ferro, e a vontade é como a força de um vento a soprar sobre um barco em alto-mar. Tudo o que importa é a froça do vento a soprar criando rotas num mar infinito. É ela que faz o barco deslizar sobre as águas e chegar a algum porto, mesmo que não seja o que havíamos calculado. (Almino, 2010, p. 236)

Além dos movimentos espontâneos da história das personagens do romance, pode-se falar também ações instintivas da história de Brasília. João, o narrador, vê-se compelido por um ímpeto de reviver, através de uma construção narrativa, o espírito da construção da capital que refletiu a vontade de romper com o passado, buscando um futuro moderno e integrado para o Brasil. “Foi de uma vontade como a de Sayão, de um vento, de uma força, que as palavras com as quais pude lembrar aqueles tempos foram surgindo, uma a uma, arrancadas do silêncio e de um vazio profundo.” (Almino, 2010, p. 237)

A construção passa a ser narrativa aqui. tanto a personagem João quanto o escritor João Almino, e também Moacyr com seu Livro Dourado de Brasília, se valem do livre arbítrio e da vontade para criarem uma obra literária capaz de não só documentar a evolução de uma nação, mas também contribuir ativamente para refleti-la e moldá-la, influenciando a maneira como os cidadãos se percebem. *Cidade Livre* vê Brasília com uma grande esperança, firmada na liberdade do que ela pode ser.

Essa cidade sem raízes, povoada de migrantes, onde a identidade é aberta e múltipla, recusa a noção da origem única. Aqui as origens podem aparentar o que são de fato: mitos, ou referências cambiantes. A cidade serve de vacina contra o pitoresco. Aqui a cultura não é corpo normativo, uma moral ou uma coleção de pensamentos ou comportamentos congelados.

Brasília requer todos os legados que se possa recolher de múltiplas memórias. (Almino, 2007, p. 306)

A construção de Brasília foi cercada por grandes expectativas, vista como um símbolo de modernidade, progresso e integração nacional. Idealizada por Juscelino Kubitschek, a nova capital prometia ser o centro irradiador de desenvolvimento para o interior do país, rompendo com as desigualdades regionais e projetando o Brasil como uma nação moderna e unificada. O projeto urbanístico inovador de Lúcio Costa e a arquitetura futurista de Oscar Niemeyer reforçavam essa visão de uma cidade planejada para o futuro. Brasília enfrentou desafios significativos. Embora tenha cumprido seu papel como nova sede do governo e incentivado o crescimento no Centro-Oeste, a cidade também evidenciou contradições, como a segregação espacial e social, com a população mais pobre sendo empurrada para as periferias. Além disso, a promessa de integração nacional se deu de forma parcial, e as disparidades regionais ainda persistem. Assim, Brasília representa tanto a realização de um sonho ambicioso quanto as complexidades e imperfeições inerentes a projetos utópicos. Como o narrador João medita já no fim do romance: “Eu via agora como uma criança que nasce cercada de grandes promessas, mas que não consegue crescer com a dignidade dos pais; que se torna marginal, mas que um dia ainda pode por vontade própria corresponder à chama que lhe dera vida.” (Almino, 2010, p. 209)

5. Conclusão:

A fundação e construção de Brasília estão imersas em uma narrativa épica, mítica e mística, onde Juscelino Kubitschek surge como o herói visionário, desbravando o interior do país para erguer uma nova capital. A cidade, símbolo de uma epopeia moderna, foi marcada pelo esforço coletivo e sacrifício dos trabalhadores, os "candangos", que construíram um espaço monumental em tempo recorde, enquanto elementos místicos, como o plano espiritual e o triângulo esotérico de suas formas, reforçam a ideia de Brasília como um projeto predestinado e transcendental. No entanto, essa grande idealização confronta a dura realidade de uma contradição entre a ambição modernista do projeto e as condições arcaicas enfrentadas pelos candangos, que lidaram com infraestrutura precária e isolamento, evidenciando uma desmodernização que contradizia o ideal futurista da cidade. Apesar desse contraste, Brasília também ofereceu uma liberdade filosófica única, como uma tabula rasa onde novos conceitos e formas de vida poderiam ser testados sem as amarras das tradições estabelecidas. Esta liberdade permitiu a experimentação e a reimaginação da organização social, refletindo o espírito de inovação e renovação. Assim, a cidade emerge não apenas como a concretização de uma utopia nacional, mas também como um espaço onde mitos, contradições e liberdades filosóficas se entrelaçam, proporcionando um campo fértil para reflexão crítica sobre o papel de tais narrativas na história de Brasília e do Brasil. Portanto, a forma profunda e crítica que Almino explora esses diversos temas relacionados a fundação da nova capital convida o leitor a refletir sobre o Brasil sob diversos prismas. O poder simbólico dessa cidade proporciona que ela seja vista como um souvenir do Brasil, que carrega tanto a ambição nacional quase épica quanto suas contradições. E mais além, a possibilidade de um futuro próspero baseado na liberdade que a identidade em aberto que este Planalto oferece ao mundo.

6. Referências Bibliográficas:

Almino, João. O mito de Brasília e a literatura. In: *Estudos Avançados 21*: São Paulo 2007.

Almino, João. *Cidade Livre*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Almino, João. “*Cidade Livre*” ou o inconformismo da literatura. Discurso pronunciado pelo autor em 23 de agosto de 2011 por ocasião do recebimento do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura de melhor romance em língua portuguesa publicado entre maio de 2009 e maio de 2011.

BEÚ, Edson. *Os Filhos dos Candangos: Exclusão e Identidade*. Brasília, 2007.

BEÚ, Edson e M.M. KUYUMJIAN, Marcia. “Candangos: Uma história de trabalho e exclusão.” In: *Tempos Históricos. Volume 14*. Brasília, 2010.

DE SOUZA, Ricardo Luiz. A MITOLOGIA BANDEIRANTE: CONSTRUÇÃO E SENTIDOS. In: *HISTÓRIA SOCIAL Nº 13*: Campinas - SP, 2007.

RENAN, Ernest. "O que é uma Nação?" In: *Questões de História Contemporânea*. Forense Universitária, 1997.

TEIXEIRA, Hermes de Aquino. No tempo da GEB (1956-1960). Brasília: Thesaurus, 1996.

VIDESOTT, Luisa. Os Candangos. In: *revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo eesc-usp*: São Paulo, 2008.